

PARA QUE SERVEM OS CONGRESSOS

Judith F. Rodrigues

Depto. de Química Orgânica e Inorgânica – Universidade Federal do Ceará;
C. Postal 12.200; 60.021 - Fortaleza (CE).

Ao folhear o livro de resumos do XXIX Congresso Brasileiro de Química (São Paulo, 1989) tive a nítida impressão de estar assistindo a alguns reprises. Realmente, depois de puxar um pouco pela memória e consultar rapidamente alguns anais de congressos recentes, fui capaz de identificar onde e quando tiveram lugar algumas das "sessões" de avant premiére.

Nesse jogo de memória detectei vários tipos de reprises: de temas, de resultados, de conclusões, de painéis e até mesmo de textos.

Vejamos, por exemplo, o que ocorreu com trabalhos comunicados em Congressos Brasileiros de Química. Surpreendi-me com o fato de um resumo apresentado em 1985 ser exatamente igual – em palavras, pontos e vírgulas – à parte final de outro divulgado no Congresso do corrente ano. Para culminar, a parte inicial não continha informações obtidas pelos autores: tratava-se de mero levantamento bibliográfico que, por sua vez, já havia sido objeto de outra comunicação naquele mesmo ano. O mais surpreendente é que este grupo de pesquisadores foi considerado qualificado e recebeu o apoio financeiro necessário ao desenvolvimento do seu projeto no período 85-89.

Que critérios estarão sendo adotados por alguns órgãos financiadores de pesquisa na concessão de seus auxílios? Quais serão os procedimentos utilizados no acompanhamento e avaliação dos projetos? Que compromissos são efetivamente cobrados dos pesquisadores? Quantos recursos, dos poucos existentes, estarão sendo investidos em pesquisas fictícias?

Não desejo fazer aqui uma análise apenas dos congressos organizados ou apoiados pela ABQ. Situações anômalas semelhantes foram também detectadas em Reuniões, Encontros e Simpósios patrocinados pela SBQ, SBPC e por outras sociedades científicas. Observei, por exemplo, que os resultados comunicados por um pesquisador no Congresso Brasileiro de Química – 89 já haviam sido integralmente relatados na Reunião Anual da SBPC do mesmo ano. Neste caso, os autores-atores foram bastante astuciosos, pois preocuparam-se em dar roupagem nova aos dados, apresentando-os em um texto diferente. Ao público mais desavisado passaria despercebido que se tratava de uma reprise.

A comunicação de trabalhos já publicados também pode ser constatada quando se comparam os resumos do IV Simpósio Nacional de Química Inorgânica-88 com os da 41ª Reunião Anual da SBPC-89: observam-se, aí, casos típicos de desvirtuamento dos objetivos e finalidades das apresentações de trabalhos em congressos.

Como se não bastassem as repetições, coincidências e reprises, somos obrigados frequentemente a conviver com ações no tempo futuro. Quando os pesquisadores ainda não ultrapassaram a etapa de descrição dos objetivos, mas querem, de qualquer maneira, garantir o seu lugar no rol dos congressistas, submetem aos organizadores propostas de trabalho, em que não há descrição de qualquer procedimento experimental realmente executado, nem a veiculação de informações efetivamente obtidas. Mesmo assim, inúmeros resumos como estes são aceitos. Resta-nos apenas a esperança de que algum resultado seja alcançado antes da realização do congresso.

O caso mais absurdo, a meu ver, envolveu o 3º Encontro Nacional de Ensino de Química, 1986 e o *Ninth International Conference on Chemical Education*, 1987. Neles, os autores não só comunicaram os mesmos dados através do mesmo texto, como também utilizaram o mesmo painel. Talvez haja um rigor excessivo em classificá-lo como o caso mais absurdo. Na realidade, os textos não são totalmente iguais: um deles estava escrito em língua inglesa.

Neste mundo hollywoodiano da Química, o que mais apavora é que os autores-atores não são jecas-tatu, sem qualquer expressão, titulação ou projeção. São todos professores, doutores, de conhecidos centros de excelência que trabalham nas mais diversas áreas da Química. Muitos ocupam posição de destaque em suas Universidades e, certamente, orientam trabalhos de iniciação científica, dissertações de Mestrado e teses de Doutorado. São, portanto, "responsáveis" pela formação dos futuros químicos, professores e pesquisadores do Brasil.

Que princípios éticos estarão sendo transmitidos a esses futuros profissionais? Que valores estarão sendo inculcados como prioritários?

Exagerando um pouco, a situação pode ser assim resumida: o professor-ator representa que faz pesquisa de interesse, submete comunicações de faz-de-conta para Comitês Organizadores de Congressos que fingem analisar os resumos, coloca painéis à disposição da comunidade científica que, por sua vez, encena a leitura e a discussão do trabalho. Finalmente, todos se convencem de estar contribuindo significativamente para o desenvolvimento da Química no país.

Um leitor mais atento terá observado o uso abusivo da palavra *comunicação*. É, no entanto, a palavra que melhor define o processo de transmissão, com clareza e eficiência, dos resultados de uma investigação científica. Estaremos de fato comunicando quando participamos com trabalhos como esses? Certamente não. No processo de comunicação estão envolvidos não só o emissor, que quer enviar uma mensagem, mas também – e principalmente – o receptor, que está ou deverá ficar interessado nela¹. Escrever para ninguém ler ou absorver informações não é comunicar. É tarefa inútil que serve para acalantar o próprio ego, para "engordar" curriculum e, sobretudo, para reforçar um modelo perverso de "competência", em que a quantidade de títulos publicados – ou disfarçadamente republicados – é o que conta, independentemente da qualidade dos artigos e da lisura de seus autores.

O número de casos citados pode até ser irrelevante para uma análise estatística. No entanto, a simples constatação dessas ocorrências merece reflexão. Seria oportuno emprestar do Prof. Walter Colli o título do interessante artigo publicado na Folha de São Paulo em 15.10.89 ("Para que serve a USP") e também perguntar: Para que servem os Congressos de Química no Brasil?

REFERÊNCIA

- 1 Feitosa, V.C. "Comunicação na Tecnologia. Manual da Redação Científica". Ed. Brasiliense, São Paulo (1987), cap. 1.